



SABEDORIA *dos Mestres* NO CONIC

Lia de Itamaracá, Boi do Seu Teodoro e outros passam seus ensinamentos e **repassam a tradição cultural** em oficinas e outras atrações. **Página 16**

Cinco décadas de sambas memoráveis?

Chama o Jorge Aragão



Yves Loham/Divulgação

Cantor e compositor do primeiro time do samba leva ao palco do Qualistage neste sábado (29) os maiores sucessos de uma obra marcante desde os tempos do Fundo de Quintal

AFFONSO NUNES

Dono de uma das trajetórias mais celebradas do mundo do samba e da canção popular, Jorge Aragão sobe ao palco do Qualistage neste sábado (29), às 21h30. Aos 77 anos, o compositor, músico e intérprete celebra 50 anos de sucessos, parte deles nascidos nas rodas do Cacique de Ramos, por sua passagem pelo Fundo de Quintal e numa carreira solo vitoriosa. Jorge é autor de canções que embalam os brasileiros faz tempo.

A história de Jorge Aragão talvez comece antes do primeiro disco, antes mesmo de “Malandro” abrir, em 1976, o álbum “Lição de Vida”,

de Elza Soares, e se tornar sucesso nacional. Vem de um som que chegava de longe à sua casa em Padre Miguel. O batuque da Mocidade Independente, trazido pelo vento, chegava aos ouvidos do garoto cuja mãe não permitia que frequentasse escola de samba. Jorge aprendeu violão e tocou em bailes de bairro. O encontro definitivo com o samba só se daria depois, quando ele encontrasse o Cacique de Ramos onde encontrou uma geração que alteraria o som e a escala do samba carioca: Almir Guineto, Arlindo Cruz, Sombrinha, Bira Presidente, Sereno, Ubirany, Neoci e outros. Dali, e do Fundo de Quintal, veio a linguagem que levou o pagode para o centro da música popular — com banjo de braço de cavaquinho, tantã e repique de mão. Aragão participou do primeiro disco do grupo, em 1980, e consolidou-se como compositor e letrista antes de seguir

em carreira solo no ano seguinte.

Mas ante de tudo isso houve “Malandro”. A parceria com Jotabê nasceu em Santa Cruz, nos anos em que ambos serviam à Aeronáutica e ainda escreviam músicas de outros gêneros. A morte de Zeca, contada logo no início da letra, foi notícia dada por Inácio, amigo da dupla. Aquele samba ficou guardado por cerca de uma década. Um dia, Aragão tocava violão na calçada de casa quando Alcir Portela, então jogador do Vasco, pediu ao vizinho que lhe mostrasse algumas composições. “Malandro” chamou atenção. Por intermédio de Alcir, a música chegou a Neoci, que levou o jovem autor à gravadora Tapeçar. Os executivos a encaminharam a Elza Soares que, sem titubear, a escolheu para abrir seu novo álbum. A gravação deu dimensão nacional a um compositor que ainda vivia a precariedade de quem tocava na noite.

A cena se repetiria, em escalas diferentes, ao longo da obra. Beth Carvalho transformou “Vou Festejar”, de Aragão com Dida e Neoci, e “Coisinha do Pai”, parceria com Almir Guineto e Luiz Carlos Chuchu, em repertório de massa. Este último ganhou, décadas mais tarde, um destino improvável, ao ser usado para despertar o robô Sojourner na missão Mars Pathfinder, em Marte. Resultado: viralizou mundo afora. Além de Elza e da Madrinha, o compositor foi gravado por Alcione, Dona Ivone Lara, Emílio Santiago, Zeca Pagodinho, Seu Jorge, Emicida, Diogo Nogueira, Leci Brandão, Ney Matogrosso, Martinho da Vila, Dona Lara, Jorge Vercilo, Elba Rammalho e Jair Rodrigues - isso para ficar em nomes famosos.

Sua escrita musical é como uma antena: capta o comentário de esquina, o humor, os amores ebm ou mal sucedidos. Tudo vira canção. A ferida social também. É o caso de “Identidade”, lançada por Aragão em 1992, que nasce da experiência de um episódio de racismo num elevador social. “Se preto de alma branca pra você / É o exemplo da dignidade / Não nos ajuda, só nos faz sofrer / Nem resgata nossa identidade”, diz

o refrão do samba que virou hino da afirmação do povo negro. Uma obra-prima. Além da afirmação política, Jorge canta o amor em “Eu e Você Sempre” e “Lucidez” e provoca com “Moleque Atrevido”.

Ser chamado de poeta incomoda o artista que recusa a imagem solene e prefere de definir como alguém que observa o dia a dia e o descreve. Mas se isso não é poesia, que ela seria?

Sendo poeta ou sendo cronista, Jorge Aragão canta as coisas do povo brasileiro. iNo palco da Barra, esse repertório será apresentado por um artista que viu suas canções atravessarem vozes e gerações, de Elza, Beth Carvalho, Alcione e Dona Ivone Lara a intérpretes mais jovens. O projeto 50 Anos de Poesia, com shows, exposição e oficinas, dá a medida de sua dimensão pública. Mas o Qualistage oferece uma possibilidade mais direta: reencontrar, cantadas em coro, músicas que continuam reconhecendo o Brasil nas pequenas cenas que ele costuma deixar passar.

SERVIÇO

JORGE ARAGÃO

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3.000, Barra da Tijuca)
29/8, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

Clube da Esquina e rock rural

entre histórias e canções

Beto Guedes, Luiz Carlos Sá, 14 Bis e Tuia levam ao Vivo Rio um encontro das afinidades entre o Clube da Esquina e o rock rural

AFFONSO NUNES

Milton Nascimento, Lô Borges e Beto Guedes — a turma do Clube da Esquina —, O Terço, 14 Bis e os músicos do chamado rock rural trilharam caminhos muito próximos. Mesmo seguindo por estradas estéticas diferentes, partilhavam o gosto por harmonias generosas, guitarras sem medo de conversar com o violão, canções abertas à paisagem e uma ideia de Brasil que nem o Brasil parecia conhecer. É essa vizinhança sonora que “Bar Brasil — Canções, Histórias e Encontros” leva ao Vivo Rio nesta sexta-feira (28), com Beto Guedes, Luiz Carlos Sá, 14 Bis e Tuia.

O nome do show evoca o bar de Belo Horizonte que se tornou ponto de encontro de artistas, compositores e poetas ligados à cena artística mineira que sempre fez do botequim espaço de criação. Foi ali que Beto Guedes



O 14 Bis assume o papel de banda do encontro que ainda reúne Beto Guedes, Luiz Carlos Sá e Tuia

cantou a melodia de “Sol de Primavera”, anotada num guardanapo por sua mulher.

Depois de passar por Belo

Horizonte e São Paulo, a turnê chega ao Rio com a promessa de transformar esse espírito coletivo em matéria de palco em atmosferas

de conversa: os artistas dividem repertórios e histórias. Suas participações são orgânicas.

O 14 Bis, antes de consolidar

uma identidade própria, se chamou O Terço e foi a banda de apoio de Sá & Guarabyra. O grupo assume a função de banda do encontro, sendo o ponto de convergência entre o Clube da Esquina, o rock rural e, mais adiante, o pop-rock mineiro.

A sofisticada mistura de vozes, pop, rock progressivo e música mineira do 14 Bis não afastou o grupo do sucesso. “Todo Azul do Mar”, “Linda Juventude” e “Planeta Sonho” são exemplos.

Beto Guedes é outra chave dessa travessia. Sua obra leva a marca do Clube da Esquina, mas sempre escapou à repetição de fórmulas. Beatlemaniaco de formação, assim como o saudoso Lô Borges, emplacou sucessos absolutos como “Amor de Índio”, “Lumiar”, “O Sal da Terra” e “Sol de Primavera”.

Luiz Carlos Sá acrescenta a outra margem do encontro. Com Zé Rodrix e, depois, com Guarabyra, ajudou a dar ao rock rural uma voz própria: elétrica, urbana e ao mesmo tempo atravessada por estrada, sertão, ecologia e deslocamento. “Sobradinho” e “Dona” mostram como essa vertente recusou o falso dilema entre modernidade e interior. De uma geração mais nova, Tuia — cantor e compositor paulista ligado ao folk rock rural, é a continuidade dessa conversa.

A força de “Bar Brasil” está na rede de afinidades tecida por esses artistas, que sempre souberam que música se faz em parceria.

SERVIÇO

BAR BRASIL — CANÇÕES, HISTÓRIAS E ENCONTROS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
28/8, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

O mapa confessional do amor nas redes

Tiago Iorc apresenta a turnê que celebra os 10 anos do álbum ‘Troco Likes’, a guinada em sua carreira

“Troco Likes”, disco que mudou a carreira de Tiago Iorc, é resgatado pelo cantor e compositor em turnê que comemora os 10 anos do trabalho. O show chega neste sábado (29) ao palco do Vivo Rio.

Em 2015, “Troco Likes” olhava de lado para a economia afetiva das redes: a necessidade de ser visto, aceito, correspondido. Mas o disco marcou, sobretudo, uma mudança íntima na trajetória de Tiago. Depois de começar a

carreira em inglês, o compositor escolheu escrever inteiramente em português e encontrou o tom confessional que marcaria sua obra.

“Amei Te Ver” e “Coisa Linda” fazem parte do álbum e seguem entre os maiores sucessos do artista. “Troco Likes” foi o quarto álbum de estúdio de Iorc e deu a Iorc seu primeiro Latin Grammy, na versão ao vivo.

Mas o show da turnê entrega mais do que o álbum original. Iorc

lançou este ano uma edição comemorativa com duetos que reúnem Ney Matogrosso, Marina Sena, Iza, Jota.Pê, Menos É Mais, Lauana Prado, Os Garotins e Melly. Dez anos depois, suas músicas ainda falam de relações mediadas por telas, mas também de uma exposição afetiva mais antiga que qualquer aplicativo. (A. N.)

SERVIÇO

TIAGO IORC — TURNÊ TROCO LIKES 10 ANOS

Vivo Rio — Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo
29/8, às 21h
Ingressos: a partir de R\$ 240 e R\$ 120 (meia)



Tiago Iorc cartografou o mundo dos afetos nas redes com ‘Troco Likes’

No embalo do sambalanço

Verônica Sabino e Conexão Rio levam ao Manouche nesta sexta (28) um repertório do gênero nascido nos bailes cariocas dos anos 1960

AFFONSO NUNES

Terreno fértil entre o samba, o jazz, a bossa nova, ritmos latinos e, mais tarde, o iê-iê-iê, o sambalanço foi a trilha sonora os bailes cariocas dos anos 1950 e 60. Nasceu nas festas de clubes embalado por órgão, contrabaixo e bateria e uma cadência que não deixava ninguém parado na pista de dança. Nesta sexta-feira (28), no Manouche, Verônica Sabino e o grupo Conexão Rio refazem esse trajeto no show “No Swing do Sambalanço”.
No repertório, canções de Orlandivo, Ed Lincoln, Wilson Simonal, Jorge Ben Jor, Elza Soares, Tim Maia e Gilberto Gil. Tudo numa zona de canção popular para dançar, pois balanço não tem data.
Ed Lincoln, que começou



Verônica Sabino e Conexão Rio trzem de volta a ginga e malícia do sambalanço

como contrabaixista na noite do Rio, tornou-se o grande nome dessa vertente e ganhou o apelido de Rei dos Bailes. Orlandivo, seu parceiro frequente, transformava até um molho de chaves em percussão.
Verônica Sabino abraça esse história amparada por sua rica e diversa trajetória desde o grupo vocal Céu da Boca. E para garantir fraseado, melodia e pulso, a cantora tem a companhia da banda Conexão Rio — formada por André Cechinel (piano), Fernando Barroso (baixo), Fernando Clark (guitarra) e Zé Mario (bateria) — com 25 anos de estrada.
E para quem quiser ir além da experiência do palco, encontra em “Sambalanço, a Bossa que Dança — Um Mosaico” (Kuarup, 2016), de Tárík de Souza, a pesquisa que sustenta essa história contada por um mestre do nosso jornalismo musical. As entrevistas que o Tárík colheu para o livro também alimentaram o documentário homônimo, dirigido por Fabiano Maciel e roteirizado por Tárík, disponível na grade do Globoplay.

SERVIÇO
VERÔNICA SABINO E CONEXÃO RIO — NO SWING DO SAMBALANÇO
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese)
28/8, às 21h
Ingressos: R\$ 260 e R\$ 130 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Jon Secada e Marina Elali cantam o amor

A canção romântica muda de idioma sem perder o endereço afetivo. É nessa passagem que o cubano-americano Jon Secada (foto), ícone do romantismo nos anos 1990, e a brasileira Marina Elali constroem “Canções Eternas”: hits do cantor, como “Just Another Day” e “Angel”, cruzam clássicos brasileiros e duetos em português e inglês. Sexta (28), 21h30, no palco do Qualistage.



Thiago Siqueira/Divulgação

A bossa vocal do Quarteto do Rio

Criado em 2016 por músicos da última formação de Os Cariocas, o Quarteto do Rio completa dez anos. Eloi Vicente, Leandro Freixo, Rômulo Gomes e Kalebe percorrem arranjos de MPB e bossa — inclusive do álbum “Mr. Bossa Nova” — e lembram Neil Teixeira, integrante da primeira formação do grupo, morto no ano passado.



Divulgação

Evelyn Castro solta a voz em baile

Comediante de mão cheia, Evelyn Castro também é cantora e põe no mesmo giro pop, samba, R&B, hip-hop e os funks de ontem e de agora, acompanhada por seis músicos no “Bailyn da Evelyn” que chega ao Blue Note Rio neste sábado (29), às 22h30. A artista parte da ideia de que uma boa pista não respeita fronteiras de gênero e aposta na troca física entre palco e plateia.



Divulgação

Sanfona pantaneira no Espaço BNDES

A sanfona de Marcelus Anderson chega ao ao Espaço Cultural BNDES nesta sexta (28), às 19h, com o espetáculo “Sanfona Pantaneira”, que reúne composições próprias e clássicos do seu Mato Grosso do Sul. Aqui temas instrumentais se convertem paisagens sonoras ricas em memória e invenção. O músico simboliza um Brasil central que aparece pouco dá as caras por aqui. Grátis



Kauan Baraúna/Divulgação



I Hate Flash

Arte Core volta ao Rio

Museu de Arte Moderna recebe evento de criação cultural neste fim de semana

PEDRO SOBREIRO

Após cinco anos afastado da programação de eventos oficiais cariocas, o Arte Core está de volta ao Rio com uma programação gratuita para promover as artes visuais, skate, música, moda, oficinas e encontros que transformarão o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) em um grande território de criação.

A nona edição do Arte Core acontece nos dias 29 e 30 de agosto, com ingressos gratuitos, que devem ser retirados pelo site da Sympla. Criado em 2013, o festival é uma grande celebração à cultura urbana e contemporânea,



I Hate Flash

Feira reúne diferentes manifestações artísticas, desde as artes visuais, passando pela moda, viajando pela música e chegando até mesmo ao skate como forma de se expressão cultural

com uma programação que valoriza o encontro entre diferentes linguagens e públicos. Em 2026, o tempo é o fio condutor da edição, que propõe um olhar sobre o processo, a presença e a criação humana em meio à velocidade da produção e do consumo contemporâneos. O festival celebra aqui-

lo que não cabe no imediatismo: o fazer, a tentativa, o erro, a conversa, o ensaio e a convivência.

O principal chamariz do evento são as artes visuais, que serão representadas por artistas de todas as regiões do Brasil.

“Para essa curadoria, trazemos uma textura conceitual que

carrega consigo um questionamento sobre a brasilidade. Buscamos diferentes olhares que descentralizam o pensamento sobre o Brasil, criando um conceito multicultural, mais rico em elementos e diverso, rompendo estereótipos preestabelecidos”, explica PH, curador das artes vi-

suais do Arte Core.

O público também será convidado a colocar a mão na massa. As oficinas artísticas, conduzidas por Marcelo Macedo, Bruno Big, Antonio Ton, Thais D'Oliveira, Igor Izy, João Lelo, Talita Persi e Alberto Pereira, propõem experiências como pintura de painel coletivo, desenho, colagem, grafite, montagem de lenços e pintura experimental com giz oleoso.

Arte Craft

A principal novidade deste retorno ao Rio é a Arte Craft, uma feira de arte que estreia antes da programação oficial, já nesta sexta-feira (28), a partir das 12h.

O projeto será realizado na Varanda do MAM, e reunirá artistas, coletivos, galerias, editoras, iniciativas independentes e mesas com foco na arte impressa, ampliando a circulação de trabalhos e aproximando criadores e público.

Entre os expositores estão Kenner, Lithos Edição de Arte, Ponte Cultural, Bruno Big & Lev, Filipe Grimaldi & Suvinil, RJ Vandal & Casa Noz, Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro (SMC), Tu Tá no RJ e Café Preto Tattoo.

A feira também organiza mesas de Pavilhão Maxwell Alexandre, Felipe Guga, Futuro Suburbano, RL Escritório de Arte, Rodrigo Rosm, Marujo, Thulio Monteiro, Parceria Visual, Lambe das Minas e Into the Mirror, entre outros dez expositores.

Parceria urbana

Fenômeno da moda e cultura urbana e periférica, a Kenner chega firme como uma das grandes parceiras do evento. Após protagonizar artes visuais, vídeos de dança e ser homenageada em músicas, a marca de sandálias estará presente nos dois dias de evento, com um espaço exclusivo que convida o público a grafitar no estande da marca, além de convidarem o coletivo de artes Futuro Suburbano para realizar a curadoria do projeto Portas Abertas, uma ocupação dedicada à potência criativa dos subúrbios e comunidades. A iniciativa reunirá 36 artistas suburbanos, periféricos e de grupos historicamente minorizados, com trabalhos expostos em uma galeria, que reúne diferentes vozes, narrativas e linguagens.

Música

Como não poderia faltar em um grande festival de cultura, a música estará presente. O curador escolhido foi Daniel Tamempi, que levará ao MAM uma programação que reunirá DJs cuja principal marca é construir seus sets exclusivamente com discos de vinil, além do rapper BNegão e de fenômeno do rap nacional, FBC, que se apresenta em um pocket show gratuito no domingo a partir das 21h, promovido pela Kenner.



Frankenstein de Mary Shelley' privilegia um aspecto central da obra original: a responsabilidade do criador perante sua criatura

O criador responde pela criatura?

Montagem do Grupo Liquidificador atualiza o mito de Frankenstein com questões que perpassam ética e responsabilidade

Mais de dois séculos depois de sua publicação, "Frankenstein" nos faz pensar no que acontece quando o desejo de criar ultrapassa a disposição de

responder pelas consequências da criação? É desse ponto que parte "Frankenstein de Mary Shelley", em cartaz até domingo (30), no Teatro III do CCBB, no Centro. A montagem do Grupo Liquidificador desloca o romance de 1818 para um presente atravessado pela intelligen-

cia artificial.

Com direção de Fernanda Alpino e dramaturgia de Fernando de Carvalho, o espetáculo põe Ana Quintas e Larissa Souza em cena para embaralhar as fronteiras entre Mary Shelley e sua criatura. A autora entra no palco como

personagem e se vê confrontada pelo ser que criou. A montagem se afasta das versões consagradas pelo cinema e recupera o conflito central do livro: a responsabilidade de quem cria.

A diretora liga esse embate ao presente. "Em 1818, Mary Shel-

ley já alertava para os perigos de um avanço tecnológico que não vem acompanhado de vínculo, ética e responsabilidade", afirma Fernanda Alpino. A fala dá medida à operação da peça: a inteligência artificial não surge como enfeite de contemporaneidade, mas para recolocar a pergunta de Shelley num mundo que delega a máquinas imagens, vozes, decisões e relações.

Essa escolha devolve à criatura uma dimensão que o imaginário do horror deixou em segundo plano. Ela não é somente o monstro de aparência aterradora, mas alguém que exige nome, escuta e reconhecimento. No espetáculo, esse pedido se encontra com uma discussão sobre corpo e memória: diante da noção de inteligência artificial, a criatura reivindica ter carne, osso, lembranças, solidão e amor.

Fundado em Brasília em 2010, o Grupo Liquidificador completa 15 anos com a montagem, depois de temporada na capital federal. A cena mistura aventura, palestra, comédia, drama, horror e ficção científica para preservar a ambiguidade do clássico: a invenção pode ser espanto e promessa, mas também abandono e violência.

Com 100 minutos de duração, Frankenstein de Mary Shelley transforma a figura criada por Mary Shelley em interlocutora de seu tempo. O monstro deixa de ser apenas a criatura e passa a habitar também o gesto de criar sem assumir o que vem depois.

SERVIÇO

FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY

CCBB Rio — Teatro III — Rua Primeiro de Março, 66, Centro
Até 30/8, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Macunaíma vive

Oficina Estilhaça estreia no MUHCAB releitura imersiva do romance de Mário de Andrade, com vários corpos ocupando o lugar do 'herói sem nenhum caráter'

A Oficina Estilhaça estreia nesta sexta-feira (28), no Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), na Gamboa, uma releitura do célebre romance que Mário de Andrade publicou em 1928. Tirar Macunaíma da estante e espalhar sua história pelos espaços de um museu dedicado à memória afro-brasileira nos leva a perguntar quem cabe na imagem de país que o modernismo ajudou a inventar?

Dirigida por Matheus Rainieri e Mari Mello, a montagem é o segundo ato da Trilogia Antropofágica da Estilhaça, iniciada em 2025 com

"Encruzilhadas". O vínculo entre os espetáculos é devorar uma obra, fazê-la passar pelo corpo e devolvê-la transformada.

O herói de Andrade, célebre por não ter "nenhum caráter", já era uma criatura de muitas vozes, linguagens e metamorfoses: misturava mito indígena, oralidade, folclore, cidade e paródia numa viagem que nunca ofereceu uma resposta pacífica sobre o Brasil. A nova encenação radicaliza esse princípio. Em vez de um protagonista, surgem vários Macunaímas, vividos por um elenco de 14 atores. São corpos que coexistem, se atravessam e se contradizem, deslocando a

figura do herói para um campo mais plural — e mais conflituoso.

A peça se propõe a ocupar o museu junto do público, convertendo o deslocamento pelos ambientes em parte da dramaturgia. A plateia caminha e escuta uma obra que aproxima o livro das experiências periféricas, urbanas e populares do presente. "Macunaíma" sobrevive porque nunca foi uma figura confortável. Sua instabilidade está no incrustada no DNA brasileiro, múltiplo, diverso e, por que não, contraditório.

SERVIÇO

MACUNAÍMA

Museu da História e Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB (Rua Pedro Ernesto, 80, Gamboa)
De 28/8 a 11/9, às sextas-feiras (19h30) | Ingressos: R\$ 30



'Macunaíma' encarna as contradições do ser brasileiro

CRÍTICA TEATRO | ÓPERA DO MALANDRO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Adriano Doria



Musical, em cartaz no Teatro Multiplan, no VillageMall, une humor, crítica social e brasilidade em nova versão do consagrado “Ópera do Malandro”

Maximalismo

brasileiro

A requintada produção dos irmãos Marco e Daniella Griesi invade os palcos com nova montagem para o clássico de Chico Buarque, “Ópera do Malandro – Musical”, inspirado na “A Ópera dos Mendigos” (1728), de John Gay e “A Ópera dos Três Vinténs” (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill. Identifica-se como inédita esta montagem, tamanha a inventividade da adaptação de Jorge Farjalla para obra tão célebre, sem corromper o brilhantismo original. Mesclar religiões africanas aos arquétipos umbandistas dialoga perfeitamente com a peça.

Max Overseas é o malandro contrabandista que aproveita-se de todos, mas o ódio nutrido pelo café Fernandes de Duran, casado com Vitória Régia, proprietários de bordéis e aspirantes à alta sociedade, obstaculiza suas façanhas. Teresinha, a filha do casal, envolve-se com Max e seus pais arquitetam destruir o genro. Como quem puxa aos seus não degenera, a filha astuciosa desatende seus progenitores e casa-se com ele, assumindo as atividades ilícitas do marido, prejudicando-o. Amigos de infância, Max e o dele-

gado, sócio da clandestinidade do amigo e do sogro, que ameaça a desagregar todo aquele processo corruptivo, instalando-se um universo de maldições, onde todos articulam vantagens morais e financeiras.

Um Exu descerra os caminhos para a encenação brilhante de Jorge Farjalla, que costura seu espetáculo como um terreiro maximizado de emoções. A direção valoriza a adaptação, em que ambas ressoam poética e politicamente na audiência extasiada, numa inspiração brechtiana. Investe no tom melodramático, fabricando climas e suspensões dramáticas da melhor qualidade, equalizando todo o elenco. Imagens, interpretações exuberantes e instigantes são reveladas, respaldadas num asseio teatralizado, contrapondo as mazelas urdidas no texto, reverberando como ópera.

As cenas em conjunto são de extrema beleza, acrescidas de orientações estéticas que reafirmam uma teatralidade, que por muitas vezes encontra-se evadida nos tabladros cariocas. Todas as cenas muito bem

conduzidas, mas a escolha de uma atriz trans para viver Geni é um dos pontos altos da montagem, ressaltando uma diretriz humana e social, fomentando a diversidade de gênero. Farjalla abrilhanta-se ao finalizar sua obra com o ponto de Maria Padilha da Calunga, aludindo a passagem da personagem do mundo material para o espiritual, encerrando os trabalhos com o gol de placa.

O elenco, afinadíssimo, retumba como resultado de suas escolhas oportunas. José Loreto imprime sedução à malandragem protagonista, com um carisma fora do comum e entrega excepcional, manifestando o poder que tem como astro. O ator estabelece ótima química com os demais, exibindo talento e eficiência. Eficiência, aliás, é o termo adequado para adjetivar Tiago Barbosa – assisti aos 2 atores – que além de brilhar compondo seu malandro, evidencia um corpo disponível, encantando-se com “Pedaço de Mim”, comprovando sua vasta experiência em musicais e também alimenta seu protagonismo com segurança.

Carol Costa sustenta perfeito domínio técnico, com corporeidade elástica e inteligência cênica. A mesma inteligência vale para o talento de Totia Meireles, arrebatando-nos todo o tempo em exposição falada e cantada, com presença deslumbrante. Marya Bravo arquiteta dramaticidade e faz do seu canto a magia que uma verdadeira artista de musical apodera-se. O dueto de Carol e Marya é eletrizante, além do ótimo confronto das personagens. Ademais, é a Geni de Valéria Barcellos que o público ovaciona, após uma emocionada atuação, que institui um momento histórico do teatro brasileiro, na presença de sua ótima atriz, tanto na grande cena arrebatadora quanto no timing cômico, e que merece este espaço, numa intensa representatividade. Edgar Bustamante, Paulo Viel, Ana Luíza Ferreira, Samuel Conze, Abrahão Costa, Vânia Canto, Mateus Ribeiro, Eddy Norole, Marina Mathey, Mirella Guida, Marisol Marcondes, Giu Mallem, Preta Ferreira, Dai Ribeiro e Gabriel Querino são criati-

vos, além de Amaury Lorenzo, que não representou nestas sessões.

Escadaria, painéis arriados do urdimento situam localidades, uma gaiola dourada é a prisão da apropriada cenografia de Chris Aizner. Destaca-se a vestimentária de Uga Agú e Jorge Farjalla, tecidos volumosos e predominância do vermelho, roxo e preto reforçando decadência, desejo, transgressão e perigo. Numa transformação significativa o malandro inicia de vermelho, marginal, e evolui ao branco, incorporando respeitabilidade e nova identidade. A imponência de figuras na sociedade construída de aparências.

O visagismo de Simone Momo remete ao clown. A renovadora direção musical de Gui Leal é preciosa. Gabriele Souza derrama sobre as personagens o sangue aflito daquela gente sem escrúpulo. E Leilane Teles fulgura nas belas coreografias. Uma beleza, do abrir ao fechar o pano!

SERVIÇO

ÓPERA DO MALANDRO

Teatro Multiplan (VillageMall - Av. das Américas, 3900 - Piso SS1 - Barra da Tijuca)
Até 30/8, sexta (20h), sábado (16h e 20h) e domingo (15h30 e 19h30) | Entre R\$ 25 e R\$ 350

SEXTOU! UM DF DE

POR MAYARIANE CASTRO

TEATRO

Peça infantil aborda cyberbullying em Brasília

O Espaço Cultural Mapati recebe, nos dias 29 e 30 de agosto, a estreia de “Fake Amigos”, espetáculo infantil que aborda cyberbullying, exposição nas redes sociais, segurança digital e amizade. Voltada a crianças e famílias, a montagem apresenta situações relacionadas ao uso da internet e às relações virtuais, discutindo os impactos da exposição digital e a convivência entre os personagens. A narrativa utiliza humor, poesia e situações do cotidiano para tratar dos temas.

A Noviça Mais Rebelde retorna a Brasília

A Noviça Mais Rebelde retorna a Brasília para duas apresentações no Teatro dos Bancários, em comemoração aos 17 anos de trajetória. O espetáculo soma mais de 700 sessões e cerca de 700 mil espectadores em mais de 40 cidades. Em São Paulo, teve mais de dez temporadas, e, no Rio de Janeiro, ficou quatro meses no Teatro Leblon, em 2010.

Peça aborda abandono parental e Alzheimer

✱O espetáculo “Dicionário das Coisas que Nunca Existiram”, de Alexandre Ribondi, está em cartaz nesta semana em Brasília, de quarta a domingo, nos teatros Ribondi e dos Ventos. A peça acompanha a relação entre um homem adulto e a mãe, diagnosticada com Alzheimer, quando ele decide encaminhá-la para um asilo. Após uma noite de revelações, a relação entre os dois passa por mudanças e aborda abandono parental, memória e vínculos familiares.

Bonecos na Rural encerra temporada no Gama

✱O projeto Bonecos na Rural encerra neste domingo, 23 de agosto, às 17h, a temporada gratuita no Espaço Cultural Cidade dos Bonecos, em Ponte Alta Norte, no Gama. A sessão de “A Flor do Sertão” terá interpretação em Libras e audiodescrição. Após 12 apresentações em seis escolas públicas do campo, o projeto seguirá para mais quatro unidades rurais no segundo



Divulgação



Humberto Araujo

Reflexão sobre a violência contra mulheres com luta

semestre, com 20 sessões em dez escolas do Distrito Federal.

Dança Marcial estreia temporada em Brasília

✱O projeto Dança Marcial – Encontros entre Improvisação e Marcialidade apresenta dois espetáculos gratuitos nos dias 27 e 28 de agosto, no Teatro Galpão Hugo Rodas, do Espaço Cultural Renato Russo. A programação, que segue até novembro, reúne dança contemporânea e artes marciais e aborda a violência contra mulheres. O projeto também oferece oficinas e ações

MUNDO GEEK

Capital Game Show 2026 chega a Ceilândia

✱O Capital Game Show 2026 começou nesta terça-feira (25) e segue até 3 de setembro, no JK Shopping, entre Ceilândia e Taguatinga, no Distrito Federal. Com entrada gratuita, o evento reúne experiências interativas, oficinas, palestras, arenas gamer, exposição de videogames



Divulgação

Peça infantil retrata sobre cyberbullying

históricos e atividades de formação tecnológica. A programação busca aproximar a população da ciência, tecnologia e inovação por meio dos games. A iniciativa teve primeira edição no Gama.

LITERATURA

Patinação e literatura se unem em Brasília

✱O espetáculo “Entre Linhas e Rodinhas: Histórias que Transformam Vidas” será apresentado neste fim de semana, no Ginásio da Escola Maple Bear

Brasília, na Asa Norte. As sessões ocorrem no sábado (29), às 19h, e domingo (30), às 17h. Produzida pela Avanti Patinação Artística, a montagem reúne literatura, memória e patinação artística. A história acompanha um homem que revisita sua trajetória por meio de livros, fotografias, medalhas e troféus.

Carolina Santos lança Bocas Mestiças em Paracatu

✱A escritora e socióloga goiana Carolina Santos lança “Bocas Mestiças” neste sábado (30), às 10h, no Centro Histórico de

OPÇÕES DE LAZER



Sabrina May

Iniciativa reúne agentes culturais locais para criação



Joao Caldas

Releitura de Noviça Rebelde chega aos teatros



Divulgação

Patinação, literatura e memória se encontram em espetáculo

Paracatu, em Minas Gerais, durante o 4º Festival Literário de Paracatu (Fliparacatu). Publicado pela Editora Orlando, o livro venceu o 2º Prêmio Tato Literário na categoria Contos e reúne textos escritos ao longo de 12 anos sobre identidade, ancestralidade e resistência no Brasil contemporâneo.

ARTES VISUAIS

Trilha da Inclusão abre seleção para exposição

✱ O Festival Trilha da Inclusão recebe, até 31 de agosto, inscrições para a exposição de artes visuais da 3ª edição, que será realizada de 9 a 29 de outubro no CBBB Brasília. A seleção contempla um artista ou coletivo de pessoas com deficiência, com apresentação de ao menos dez obras originais. O escolhido

receberá cachê de R\$ 15 mil. As inscrições são gratuitas e o resultado será divulgado em 10 de setembro.

EducAtiva promove encontro em Planaltina

✱ O projeto EducAtiva Espaços Museais realiza, em 30 de agosto, às 17h, no Pé Vermelho – Espaço Contemporâneo, em Planaltina (DF), uma roda de validação e escuta participativa. O encontro apresentará material de educação patrimonial elaborado com a comunidade e agentes culturais locais. A iniciativa prevê quatro etapas colaborativas voltadas à criação de dispositivos de mediação e educação patrimonial.

MÚSICA

VemProPlay reúne alunos no

Parque da Cidade

✱ Brasília recebe em 30 de agosto a sexta edição do #VEMPROPLAY, no Estacionamento 10 do Parque da Cidade Sarah Kubitschek. Das 9h às 23h, 150 alunos de escolas de música formarão 40 bandas em apresentações gratuitas. A programação inclui Arena Fitness, gastronomia, feira de produtos artesanais, espaço infantil, DJ, sorteios e atividades para o público. O festival é realizado pela Vegetal Produções.

Miseráveis In Concert chega à Escola de Música

✱ A Cia. de Cantores Líricos apresenta “Miseráveis In Concert” nesta quarta-feira, 26 de agosto, às 19h30, na Escola de Música de Brasília, na 602 Sul, com entrada gratuita. Baseada em “Os Miseráveis”, de Victor Hugo, a montagem aborda



Divulgação

Bonecos na Rural encerra temporada no Gama



Divulgação

Escola de Música de Brasília

desigualdade social, política, miséria e ação policial. O concerto integra a programação Levino de Alcântara. A temporada termina em 30 de agosto, no Teatro da Caesb, em Águas Claras, às 17h e 19h30.

CULTURA POPULAR

Festa do Boi reúne cultura popular em Sobradinho

✱ A Festa do Boi de Seu

Teodoro 2026 será realizada nos dias 29 e 30 de agosto, no Centro de Tradições Populares de Sobradinho (DF), com entrada gratuita e acessibilidade em Libras. O evento abre o projeto Patrimônio Brincante, realizado pelo Instituto Alvorada Brasil com fomento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF. A programação inclui a Morte do Boi de Seu Teodoro e homenagem aos 100 anos do Boi da Fé em Deus (MA).

Divulgação



Fjord

Contendores, ao páreo... do Oscar



Só no dia 16 de setembro, a Academia Brasileira de Cinema vai divulgar seu representante a uma vaga na disputa de Hollywood, mas o que não falta é concorrente em posição de ataque

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Agendada para 14 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles, a 99ª cerimônia do Oscar já começa a mobilizar o planisfério cinéfilo numa corrida pelos potenciais concorrentes a uma vaga na competição pela estatueta de Melhor Filme Estrangeiro, sendo que 19 países já se adelantaram e inscreveram seus representantes locais. Fora esse contingente, no qual o nome mais expressivo (até agora) parece ser “Soudain”, de Ryusuke Hamaguchi, há mais três títulos já no radar, selecionados sob a nova regra da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

A partir dela, longas-metragens premiados em alguns dos mais expressivos eventos competitivos do audiovisual serão automaticamente considerados para concorrer, a fim de evitar conflitos políticos, como se deu com a impostura francesa, em 2024, de esnobar “Anatomia de uma Queda” por rusgas internas. Assim sendo, serão considerados o ganhador de Sundance, que tem DNA albanês, “Shame and Money”, de Visar Morina; o Urso de Ouro de 2026, que alma turca e verba ale-



Soudain

Divulgação



En El Camino

Divulgação



Possible Love



Yellow Letters



Uly, a Gigante das Quadras



Coward

Divulgação

Deberton; “Herança de Narcisa”, de Clarissa Appelt e Daniel Dias; “Nosso Segredo”, de Grace Passô; “O Rei da Internet”, de Fabrício Bittar; “Quando Vira a Esquina”, de Chris Alcazar; “Malês”, de Antonio Pitanga; “Papagaios”, de Douglas Soares; e “Vicentina Pede Desculpas”, de Gabriel Martins. Numa primeira peneira, marcada para 9 de setembro, essa seleção será reduzida a seis e, na semana seguinte, a um.

Como de praxe, a Academia de Hollywood vai anunciar uma lista de 15 finalistas no fim do ano (dia 15 de dezembro), antes da definição dos cinco indicados, que sai em 21 de janeiro de 2027. Entre os longas que já se apresentaram para serviço, “Coward”, da Bélgica, chega com força, apoiada no prestígio de seu realizador Lukas Dhont, diretor de “Girl” (2018) e “Close” (2022). Exibido em competição em Cannes, o filme acompanha a paixão entre dois soldados durante a Primeira Guerra Mundial e deu a Emmanuel Macchia e Valentin Campagne o prêmio de Melhor Ator no festival francês.

Igualmente forte está o representante da Coreia do Sul, “Possible Love”, novo trabalho do artesão autoral Lee Chang-dong, diretor premiado na Croisette com “Poesia” (2010) e “Burning” (2018). O enredo de seu novo trabalho trata da história de dois casais: de um lado, está um trabalhador recém-demitido e sua esposa; do outro, há uma documentarista e seu marido. Os caminhos deles se cruzam para a realização de um documentário, enquanto enfrentam suas diferentes realidades e desejos ocultos.

Também chamam atenção “Uly”, de Viesturs Kairiș, representante da Letônia, sobre a estrela do basquete Uljana Semjonova; e “How to Divorce During the War”, de Andrius Blaževičius, representante da Lituânia e vencedor da direção no World Cinema Dramatic Competition de Sundance. A América Latina se faz notar com o thriller queer mexicano “Em El Camino”, de David Pablos, e com o romantismo dominicano de “Melodrama”, de Andrés Fariás.

A Noruega venceu “O Agente Secreto” na briga pelo Oscar este ano, com “Valor Sentimental”, de Joachim Trier, mas ainda não pôs seu candidato da vez sob os holofotes. Pesa sobre ela o fato de que o supracitado “Fjord”, de Mungiu, se passa em solo norueguês, retratando o que existe de xenófobo por trás do politicamente correto e dos discursos assistenciais depois que um pai romeno, radicado na Escandinávia, é acusado injustamente de maltratar filhas e filho. O papel é de Sebastian Stan, o Soldado Invernal da Marvel, que disparou nas listas de aposta para potenciais concorrentes ao Oscar de Melhor Ator por esse papel.

Divulgação

SUBMISSÕES AO OSCAR 2027 — MELHOR FILME INTERNACIONAL

Alemanha — Everytime, de Sandra Wollner

Áustria — Rose, de Markus Schleiner

Bélgica — Coward, de Lukas Dhont

Camboja — Becoming Human, de Polen Ly

Canadá — Nina Roza, de Geneviève Dulude-de Celles

Chile - O Degelo, de Manuela Martelli

Colômbia — Rains Over Babel, de Gala del Sol

Coreia do Sul — Possible Love, de Lee Chang-dong

Eslováquia — Flood, de Martin Gonda

Japão — All of a Sudden, de Ryusuke Hamaguchi

Kosovo — Dua, de Blerta Basholli

Letônia — Uly, de Viesturs Kairiș

Lituânia — How to Divorce During the War, de An-

drius Blaževičius

México — On the Road, de David Pablos

República Dominicana

— Melodrama, de Andrés Fariás

República Tcheca — If Pigeons Turned to Gold, de Pepa Lubojacki

Suíça — Who Is Still Alive, de Nicolas Wadimoff

Taiwan — A Foggy Tale, de Chen Yu-hsun

Tailândia — 9 Temples to Heaven, de Sompot Chidgasornpongse

Turquia — Like a Limbless Tree, de Tunç Davut

FILMES QUALIFICADOS POR FESTIVAIS

Berlinalle — Yellow Letters, de Ilker Çatak

Cannes — Fjord, de Cristian Mungiu

Sundance — Shame and Money, de Visar Morina

mã, “Yellow Letters”, de Ilker Çatak; e a aclamada Palma de Ouro deste último Cannes, revelado em maio, “Fjord”, do romeno Cristian Mungiu.

O Brasil viveu uma polêmica braba em 2025 para anunciar seu escolhido, num quiproquó entre “Manas” e “O Agente Secreto” (que acabou selecionado e concorreu a quatro láureas). Este ano, a decisão da Academia Brasileira de Cinema será conhecida no dia 16 de setembro. Há 15 produções

brigando pelo posto. Elas foram anunciadas na última segunda. Lá estão (em ordem alfabética) “100 Dias”, de Carlos Saldanha; “A Conspiração Condor”, de André Sturm; “A Fabulosa Máquina do Tempo”, de Eliza Capai; “A Natureza das Coisas Invisíveis”, de Rafaela Camelo; “Ato Noturno”, de Marcio Reolon e Filipe Matzembacher; “Cinco Tipos de Medo”, de Bruno Bini; “Dolores”, de Maria Clara Escobar e Marcello Gomes; “Feito Pipa”, de Allan

CRÍTICA FILME | NOSSO SEGREDO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Antigos espíritos
do carinho

Divulgação

O pequeno Tutu (Efraim Santos) em 'Nosso Segredo', longa de estreia da atriz e dramaturga Grace Passô como realizadora

Flagra-se uma surdez institucional de toda esta nação... de toda a América Latina de passado colonial escravocrata, na dimensão fabular de "Nosso Segredo", longa-metragem vencedor do Kikito de Melhor Filme no recém-encerrado Festival de Gramado, que parece ser a

resposta mais sábia do cinema nacional a uma provocação da filósofa Djamila Ribeiro. Em seus livros, ela escreve: "O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciosos."

Talvez por isso, o pequeno

Tutu, personagem encantador, de apenas seis anos, vivido por Efraim Santos, custe tanto a ter a atenção dos adultos a seu redor, na produção dirigida pela atriz Grace Passô, ao mencionar a presença de "Pretinha", entidade espectral que concede dimensão espiritualista a um drama cuja argamassa são os afetos familiares. Uma casa de ethos decolonial,

onde o amor entre os parentes é pleno, mesmo em dias de sofrimento, torna-se (a um só tempo) arena, microcosmos e coprotagonista deste estudo sobre alianças em tempos de ausência. Um estudo que se estrutura na tela com delicadeza contagiante.

Consagrado na Berlinale, em fevereiro, na mostra Perspectivas, "Nosso Segredo" parte do luto. A

morte de um patriarca (branco) serve de ponto de partida para uma investigação delicada sobre as práticas racistas denunciadas por Djamila na cômoda surdez regente da alteridade alheia (em especial a do povo eurocêntrico), que se manifesta entre memórias e angústias.

Produzido por Ricardo Alves Jr., "Nosso Segredo" acompanha uma fase de "volta por cima" na rotina de uma família assombrada secularmente pelas violências do preconceito, que tenta reorganizar a rotina após a perda do pai. Enquanto os adultos enfrentam a dor de maneiras distintas, Tutu se atém à manifestação misteriosa em seu lar, que parece simbolizar proteção para aquele núcleo familiar contra as bestialidades de populações brancas intolerantes. A dimensão fantástica se mistura ao cotidiano sem romper a verve "pé no chão" com que o dia a dia é narrado, como se via nos filmes iranianos dos anos 1990 (tipo "O Gosto da Cereja").

Numa realização cheia de destrezas, Grace parte de uma reescrita de "Amores Surdos", texto teatral de sua autoria, para construir uma (quase) fábula sobre cicatrizes, pertencimento e reconstrução. A arguta fotografia de Wilssa Esser, coroada com um Kikito, dá ao filme uma atmosfera crepuscular, enquanto a trilha de Amaro Freitas amplia a dimensão sensorial do que se vê. Tudo é equilibrado. Tudo é tocante. Tudo nos alarma, até o benquerer, num debate sobre permanência e ancestralidade.

CRÍTICA FILME | MUITO PRAZER

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Sexo verbal

Documentarista magistral, vide "Ilha das Flores" (1989) e "Mercado de Notícias" (2014), Jorge Furtado defende a tese que "uma palavra pode valer mais do que mil palavras, quando usada com ironia", conforme declarou no seminário online Na Real Virtual, em 2020. Foi a forma de defender o uso quilométrico de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios em sua escrita de roteiro, que não abre mão da causalidade (todo acontecido em cena tem uma razão; toda ação terá uma reação).

"Muito Prazer", seu novo filme, xará de uma obra-prima de David E. Neves, chega a um paroxismo em sua verborragia ao usar palavrados

para sublimar o sexo, nestes tempos onde tudo se digitaliza (até a transa), condenando (perigosamente) o tesão a um plano supérfluo.

Neste sentido, esta sua ligeira comédia serve (mais) como um alerta do que como um exercício de riso. Envelopado numa sagaz direção de arte de Fiapo Barth e Dayane Paz (seu aspecto técnico mais notável), o enredo de Furtado segue o empenho de reinvenção de Rubem (Daniel de Oliveira), um fracassado em um pau pra dar no gato, que herda um motel falido, o Pérola. Ao conhecer a ex-funcionária Grace (Luisa Arraes), que ficou morando numa das suítes quando a hospeda-

'Muito Prazer' fala de sexo num mundo sem desejo, com o carisma de Daniel de Oliveira para dar vitalidade à sua verborragia



Fabio Rebelo/Divulgação

ria fechou, e a bamba da web Nalva (Samantha Jones), eles armam um plano para sair o atol, criando vídeos para sites eróticos. O esquema se torna rapidamente lucrativo, até tropeçar no perigo. Giba Assis

Brasil monta esse rol de tropeços com engenhosidade, com atenção ao fluxo verbal nas "furtadices" de Jorge. Na direção de fotografia, Lívia Pasqual acha um tom lívido de luz para a arquitetura narrativa que

o veterano cineasta lhe entrega ao pensar as práticas sexuais deixando o desejo de lado. É um estado de coisas que nos acossa. O longa levanta essa preocupação, colocando-a em debate.

ENTREVISTA | **CISSA GUIMARÃES**

ATRIZ E APRESENTADORA

‘Escuta é muito importante. E tento desenvolver o máximo possível a escuta’

AFFONSO NUNES

Raros são os programas de TV pública que conquistam o grande público. O Sem Censura (TV Brasil) é um deles. Vencedor do Prêmio APCA de melhor programa de TV em 2024 — feito inédito em 41 anos de emissora — e bicampeão do Melhores do Ano NaTelinha, o vespertino reedita hoje o programa de sucesso surgido nos anos 1980, quando estreou na então TVE/RJ, em 1985, para celebrar a redemocratização no país. Tetê Muniz inaugurou a bancada; Lúcia Leme o projetou nacionalmente; Leda Nagle o comandou por duas décadas; Vera Barroso assumiu em 2017. Mas a atração foi descontinuada em 2019. Com a intervenção do governo Bolsonaro na EBC, voltou em formato diminuto, migrou para Brasília e perdeu o caráter diário ao vivo com Marina Machado entre 2021 e 2023. Só retornou à origem em fevereiro de 2024, com Cissa Guimarães, que devolveu ao formato o fôlego perdido. Desde então, o programa alcançou mais de 16 milhões de brasileiros em 14 regiões metropolitanas monitoradas, com consumo acumulado superior a 59 milhões de horas assistidas — números que mostram a capacidade de conectar a televisão pública a pessoas de diferentes estados e demonstram o engajamento real da audiência com o conteúdo da telinha do canal.

Carioca de 69 anos, Cissa estreou aos 20 na peça “Dor de Amor”, de Bráulio Pedrosa, no Teatro Dulcina. Na Globo desde 1980, entrou como redatora, virou atriz de novelas como “Direito de Amar” e se tornou a cara do Vídeo Show por 15 anos esbanjando carisma. Apresentou outros programas da emissora mas acabou dispensada, ficando um ano e meio longe da TV. Quebrando o coco sem arrebetar a sapucaia, ela imprimou sua descontração ao Sem Censura e fala ao Correio de sua nova fase profissional.



Rovena Rosa/Agência Brasil

Cissa Guimarães completa 600 edições à frente do Sem Censura

Você já foi entrevistada pelo Sem Censura nas edições anteriores do programa? Como é a sensação de estar nos dois lados da bancada?

Cissa Guimarães - É maravilhoso. Esse sucesso todo que a gente está tendo agora, o Sem Censura sempre teve. É um programa que o lado que você tiver, você tá bem, porque você é bem recebido, a equipe te faz uma pesquisa incrível. É uma honra enorme conduzir a bancada, mas também vir aqui ser entrevistada. Todas as pessoas que são convidadas adoram, se sentem bem. É bom dos dois lados.

Na Globo você apresentou programas que estavam mais na linha do entretenimento ancorados em estruturas de produção enormes. Na TV Brasil, uma emissora pública, há uma lógica de produção completamente diferente. No que isso te impactou e o que mudou mais no seu

jeito de trabalhar?

Existe essa diferença. Realmente na Globo tem uma estrutura gigante, mas não existe a liberdade que eu tenho aqui. Não tem essa conexão com as pessoas, todo mundo junto. Acho que acima de tudo não tem a liberdade que a gente tem aqui por ser uma televisão pública. Isso me fascinou e me encanta até hoje.

O que você acha que o “teu” Sem Censura tem de diferente em relação à sua versão anterior?

Acho que esse meu jeito maluco que fala qualquer coisa. Tinha uma amiga minha que dizia que a minha boca era um precipício por onde as palavras se suicidavam. Eu falo o que passa na minha cabeça e eu faço muito assim, eu tento fazer com que as pessoas também se sintam assim: digam o que pensam e se sintam em casa. Eu sempre falo: “Gente, é papo de botequim, todo mundo falando junto”. Então, isso eu acho muito precioso, porque fica uma conversa descontraída, rindo, cada uma dizendo sua fala,

sua opinião com tranquilidade.

Seiscentas edições em dois anos e meio traz quase que uma cadência industrial para um programa de conversa ao vivo. Como evitar que essa sequência frenética se mecanize? Como fazer que cada entrevista seja um encontro espontâneo e de troca de ideias?

Muito estudo em casa e se entregando de verdade a cada pessoa que vem aqui. Acredito que a entrega inteira é a coisa mais importante. Então, eu procuro estudar bastante sobre os convidados em casa. Aqui tenho o auxílio do meu diretor e de uma escaleta que eu preparo, mas é a minha cabeça e o meu sentimento na hora que estão sempre envolvidos diretamente com a pessoa. A escuta é muito importante. Então, eu tento desenvolver o máximo possível a escuta.

Como você costura o trânsito entre entrevistados

de perfis e trajetórias tão diferentes sem que o programa vire uma colcha de retalhos e se desconecte do grande público?

Estudando e misturando mesmo, porque a vida é uma colcha de retalhos, entendeu? É tentar transformar aquele momento num encontro. Tornar temas triviais em algo útil para aquela pessoa na bancada e do outro lado da tela. Fazer perguntas que despertem o interesse por aquele papo. Você tem que saber dosar e contornar aquela entrevista e seus assuntos de uma maneira que toque a todos e cative o público.

O Sem Censura é uma atração de emissora pública, mas disputa atenção com a grade comercial. A concorrência pela audiência vespertina é justa quando o outro lado tem milhões de verba de marketing?

Eu acho que o mundo não é justo, né? Mas a gente faz o nosso e eu tô muito orgulhosa do que a gente faz, toda a minha equipe. Desenvolvemos um trabalho lindo com o que a gente tem, o que demonstra que não precisa ter muito para fazer um bom trabalho quando você se dedica como a gente faz aqui na TV Brasil. Então isso é uma consequência do nosso trabalho, da nossa entrega total.

Você tem apostado na interação direta com o público ao ler mensagens de WhatsApp ao vivo e comentar com os convidados. Como isso começou? E já houve algum momento em que uma pergunta do público mudou o rumo de uma entrevista de um jeito que você não esperava?

Isso foi uma ideia da direção do programa que eu achei ótima. Não muda não, porque a gente estuda e busca se preparar de uma maneira prévia. De vez em quando quem fica um pouquinho de saia justa é o convidado com a pergunta. Mas, a gente sempre dá um jeito, né gente? O programa é muito livre, democrático, é totalmente sem censura mesmo.

E o que podemos esperar do Sem Censura nas próximas 600 edições?

A gente pode esperar muita informação boa e com a credibilidade de uma TV pública. Eu espero que o cidadão esteja com a gente todas as tardes, doando seu tempo, sua audiência e seu carinho. Que a gente consiga fazer um trabalho livre, com liberdade e democracia.

Mestre do terror no cinema, o diretor John Carpenter, fora das telas desde 2010, mobiliza o mercado de HQs em múltiplas latitudes, a começar pela confecção do quadrinho 'Cathedral'



Uma seleção de quadrinhos baseados nas histórias de Carpenter

Carpintaria com balõeszinhos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

F 16 anos que o cinema lamenta a ausência de novos filmes de John Carpenter, afastado da direção desde suas frustrações rodando "Aterrorizada" (2010), último longa-metragem de uma obra multimídia, notável sobretudo na música, por seu trabalho como compositor, que agora se expande pelas vias do papel... em balõeszinhos. Não há Homem-Aranha nem Batman que tire da graphic novel "Cathedral" (editada lá fora pela Storm King Comics) o título de "melhor quadrinho do ano".

O cineasta nova-iorquino de 78 anos foi seu idealizador, e assina o roteiro ao lado de sua mulher, a produtora e editora Sandy King, e do escritor Sean Sobczak. Os desenhos são de Federico De Luca, com ilustrações de Luis Guaragna.

A publicação, que não para de mobilizar buscas na web, foi idealizada para ser sorvida pela massa leitora acompanhada por um álbum de hard rock composto com o filho de John, Cody Carpenter, e Daniel Davies. Essa pérola gráfica já pode ser encomendada via Amazon.

A trama nasceu de um sonho do realizador de cults como "Halloween" (1978), "O Enigma Do Outro Mundo" (1982) e "Eles Vivem" (1988): uma catedral abandonada no centro de Los Angeles, com elevadores que conduzem a profundezas infernais. O pesadelo ganhou forma de história em quadrinhos e acompanha uma equipe de policiais que entra na tal igreja depois do assassinato brutal de um agente. No enredo, a tenente Christine Marks, acompanhada pelos detetives Paul Hernandez e Steve Mayfield, precisa entrar no templo em busca do



O realizador John Carpenter com a Carroça de Ouro recebida na Quinzena de Cannes, em 2019

monstro que matou seu pai.

A cada passo, os três avançam pelas entranhas daquele "terreno sagrado", descobrindo a cada trecho do caminho o mistério de uma antiga entidade maligna aprisionada em seu interior. Por séculos, xamãs, guerreiros e sacerdotes combateram um poderoso demônio, mantendo-o confinado àquele pedaço de terra. Agora, ele tenta resurgir, e os três investigadores terão de desvendar os segredos daqueles que os precederam para encontrar a criatura e pôr fim, de uma vez por todas, a uma batalha que atravessa séculos. Sua resistência, determinação e fé serão testadas, enquanto cada pequena vitória os aproxima

cada vez mais de horrores indescritíveis, apenas insinuados em mitos e pesadelos.

A Storm King Comics foi criada em 2012 para levar às HQs modos inusitados de explorar horror e ficção científica, os gêneros por excelência do multiartista que dirigiu "Vampiro\$" (1998). Seu principal título antes de "Cathedral" era "John Carpenter's Asylum". Junte a ele "Tales for a HalloweenNight" e a série mensal de antologias "John Carpenter's Tales of Science Fiction", que reuniu histórias concebidas a partir de ideias do cineasta, com roteiros de Mike Sizemore e desenhos de Dave Kennedy, explorando territórios sombrios das nar-

rativas espaciais.

Desde 2018, a Boom! Studios, por sua vez, mantém uma produção recorrente de derivados quadrinizados de "Os Aventureiros do Bairro Proibido" ("Big Trouble in Little China", 1986). Tais historietas exploram o lado heroico do caminhoneiro Jack Burton, personagem celebrado por Kurt Russell, muso de Carpenter. Snake Plissken, personagem mais famoso da dupla, visto em "Fuga De Nova York" (1981), também inspirou uma linha de revistas em quadrinhos.

A ironia por trás dessas adaptações é que Carpenter nunca esteve interessado em transformar sua obra numa indústria de propriedade inte-

lectual. Seu cinema nasceu da independência.

"O cinema de horror é político, crítico por natureza, o que exige de seus realizadores a necessidade de se trabalhar de forma independente da vontade dos estúdios", disse ele à Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ), em entrevista para o livro "O Medo É Só Começo", publicado em 2012, em meio a uma retrospectiva de sua filmografia no Festival do Rio. "De modo geral, as pessoas têm medo das mesmas coisas: morrer, sofrer... Com a consciência do medo, eu posso trabalhar de modo mais frio. Eu fui parar no terror para poder sobreviver, mas queria mesmo era fazer faroeste. No terror, encontrei um espaço para criar."

Homenageado pelo Festival de Cannes de 2019, ao receber o troféu honorário Carroça de Ouro, da Quinzena de Cineastas, Carpenter encontrou esse espaço em 1978, quando "Halloween" virou um marco do terror moderno, consagrando o filão slasher.

"Há um mistério que me acompanha desde a minha primeira incursão por uma sala de cinema, em 1951, quando eu tinha 3 anos, e fui ver 'Uma aventura na África', estrelado por Humphrey Bogart, com meu pai. Perguntei a ele onde ficavam aquelas pessoas que eu via na tela e ele me respondeu: 'Elas moram na luz'. Até hoje, já septuagenário, eu ainda vivo atrás dessa luz", disse Carpenter na Croisette. "Transportar plateias para o mundo da luz e para as sombras que as rodeiam é a minha missão". Isso vale para as HQs.

Fã ardoroso de Carpenter, o cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho homenageou o mestre dando seu nome aportuguesado ao liceu de "Bacurau" (2019): Escola João Carpinteiro.

Por Mayariane Castro

Estudantes de escolas públicas do Jardim Botânico, no Distrito Federal, participam de uma iniciativa que combina literatura, teatro, música e introdução ao sistema Braille. O projeto “Um outro olhar para a leitura dramatizada no Jardim” reúne 60 alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio durante três meses, com atividades voltadas à leitura e à encenação da peça “Eles Não Usam Black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri.

A obra integra as leituras indicadas pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB).

As atividades são realizadas por meio de oficinas de teatro, musicalidade na cena e introdução ao Braille. Ao final do percurso, os estudantes participarão de apresentações de leitura dramatizada no Centro Educacional Jardim Mangueiral, no Centro de Ensino Fundamental 01 do Jardins Mangueiral e em um Centro de Ensino Especial do Distrito Federal, com a participação de artistas convidados.

Aproximação da obra

A iniciativa foi criada pelo ator e arte-educador Thiago de Moraes, que atua há 25 anos no teatro e há quase duas décadas em projetos educacionais. Segundo a proposta, a leitura dramatizada será utilizada como estratégia para aproximar os estudantes da obra por meio da interpretação dos personagens, da expressão corporal, da musicalidade e da construção coletiva da cena.

A peça escolhida aborda conflitos familiares, relações de trabalho, desigualdade social e reivindicação de direitos. Escrita por Guarnieri, “Eles Não Usam Black-tie” foi

Os alunos não usam Black-Tie

Projeto leva leitura da famosa peça de Guarnieri a escolas do Jardim Botânico

Sabrina May



A leitura aproxima os alunos do mundo teatral e suas possibilidades

apresentada pela primeira vez em 1958, no Teatro de Arena, em São Paulo, e passou a integrar o repertório da dramaturgia brasileira. Virou filme em 1981, dirigido por Leon Hirszman, tendo o próprio Guarnieri e Fernanda Montenegro no elenco. No projeto, os estudan-

tes serão convidados a discutir as decisões dos personagens e os conflitos presentes na narrativa.

A programação prevê uma etapa inicial de seleção e oficinas, seguida por ensaios e pela preparação das apresentações. O trabalho é desenvolvido de forma

coletiva, com atividades destinadas ao contato dos alunos com o texto e aos elementos necessários para a leitura dramatizada.

Outras formas

Para o idealizador, a proposta busca fazer com que os estudan-

tes tenham contato com a literatura por meio de outras formas de expressão.

“Ao emprestar a voz, o corpo e as emoções para um personagem, o aluno passa a compreender a obra de dentro para fora”, afirma Thiago.

Contato com a escrita em braille

Iniciativa também aproxima estudantes da linguagem para cegos, além de outras experiências sensoriais

Segundo Thiago de Moraes, o formato também pode auxiliar estudantes que enfrentam dificuldades de leitura, já que a participação em grupo permite acompanhar o ritmo da atividade e exercitar a oralidade.

A programação inclui ainda uma introdução ao sistema Braille.

Os estudantes terão contato com princípios básicos da escrita utilizada por pessoas com deficiência visual. A atividade pretende

inserir a acessibilidade no percurso formativo e promover discussões sobre inclusão, autonomia e convivência com as diferenças.

O projeto também trabalha competências relacionadas à comunicação, expressão corporal, percepção sensorial, criatividade e trabalho em equipe.

A leitura da peça deixa de ser apresentada apenas como uma atividade vinculada ao conteúdo escolar e passa a inte-

grar uma experiência de interpretação e criação coletiva.

A escolha da leitura dramatizada está relacionada à possibilidade de distribuir diferentes funções entre os participantes. A atividade permite que os estudantes atuem diretamente na interpretação dos per-

sonagens e na construção da cena, enquanto desenvolvem a leitura oral e a compreensão do texto. Além da preparação para as apresentações, o projeto pretende estimular a formação de leitores e espectadores. A proposta é que o contato com a obra teatral seja associado à frequência a

espaços culturais e ao interesse por literatura e teatro.

Thiago afirma que a finalidade das atividades não é formar atores para o mercado profissional. “O teatro na escola não visa formar atores, mas cidadãos conscientes e expressivos”.

Sabrina May



Iniciativa trabalha diversas experiências coletivas

Mestres ampliam espaço para saberes no DF

Encontro de Mestres do Brasil tem oficinas, rodas de conversa e outras vivências

Por Mayariane Castro

O Encontro de Mestres do Brasil realiza, até sábado (29), uma programação gratuita voltada à transmissão de saberes, à formação e ao intercâmbio entre mestres, artistas, pesquisadores, estudantes e comunidades em Brasília.

Além das apresentações musicais e culturais na Arena Conic, o evento promove oficinas, rodas de conversa, vivências territoriais, formação em cenografia e uma Feira de Economia Criativa e Agricultura Familiar.

A programação paralela começou em 10 de agosto. A proposta foi criar espaços de convivência e aprendizagem nos quais conhecimentos relacionados às culturas populares fossem compartilhados entre diferentes gerações. As ações foram realizadas pelo Ibranova (Instituto Brasileiro de Inovação Cultural) e pela Formiga Produções, com patrocínio da Vale, por meio da Lei Rouanet do Ministério da Cultura, e do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

A programação foi organizada para distribuir as atividades entre diferentes espaços e territórios do Distrito Federal. A iniciativa considera que a transmissão dos saberes das culturas populares ocorre por meio da convivência, da prática e da participação das comunidades, e não apenas pela apresentação de repertórios em palcos.

Entre as atividades, aconteceram a Formação em Cenografia para as Culturas Populares, realizada nos dias 10, 17 e 24 de agosto, em parceria com o Instituto Federal de Brasília. O conteúdo abordou a cenografia como elemento das manifestações culturais e trata de processos relacionados à criação, à técnica, à produção, à comunicação e ao artesanato.

Transmissão de conhecimento

Segundo o curador Anderson Formiga, a atuação de mestres e mestrar envolve a transmissão de conhecimentos e a formação de outras pessoas. A programação busca reconhecer esse processo e criar condições para que diferentes gerações tenham contato com essas práticas.

As vivências territoriais consti-



O Boi do Seu Teodoro: arte popular repassada para novas gerações

tuem outra parte da programação. Em Taguatinga, uma das atividades reúne o Jongo do Cerrado e as Sambadeiras, colocando mestres, brincantes, jovens e moradores em contato por meio da prática cultural. Outra ação envolve a Quadri-lha Junina Filhos do Sol e apresenta

o grupo como espaço de aprendizagem e organização comunitária durante todo o ano.

Para Lucas Formiga, a relação entre cultura e território é parte do processo de transmissão dos conhecimentos. A proposta foi aproximar as atividades dos locais

e das comunidades onde as manifestações culturais são praticadas. As rodas de conversa Dois Dedos de Prosa concentraram a discussão sobre o papel dos mestres e das mestrar, as formas de ensino desenvolvidas pelas culturas populares.

Manutenção das culturas populares

Disseminação do conhecimento é fundamental para manter tradições

Os encontros também reuniram representantes de comunidades, pesquisadores, educadores e gestores.

A programação propôs o diálogo entre conhecimentos produzidos em contextos tradicionais e aqueles desenvolvidos no ambiente acadêmico. A intenção foi colocar diferentes formas de conhecimento em contato sem estabelecer uma hierarquia entre elas.

Café com Prosa

O Café com Prosa integrou esse eixo de convivência. A atividade foi concebida como mo-

mento de recepção e encontro entre participantes, instituições e comunidade antes das demais ações. A escuta e a troca foram apresentadas como parte do processo de aproximação entre os diferentes públicos.

As oficinas vivenciais ampliaram a participação direta do público. A programação incluiu atividades relacionadas ao jongo, à Dança de Espadas, à música e ao movimento com Helder Vasconcelos, às práticas corporais com Maurício Badé, além de brincadeiras populares e circo.

Nessas atividades, o conheci-



Lia de Itamaracá: Mestra maior da Ciranda

mento é trabalhado por meio da observação e da experimentação. A proposta permitiu que participantes tivessem contato com práticas culturais conduzidas por seus próprios integrantes e mestres. A Feira de Economia Criativa e Agricultura Familiar completou a programação paralela. O espaço reuniu artesãos, artistas, produtores e agricultores e criou uma oportunidade de circulação de produtos relacionados às comunidades e aos territórios representados no encontro.

Culturas populares

A curadora Dani Freitas afirma que a continuidade das culturas populares depende da capacidade de transmissão e recriação dos saberes em diferentes contextos. Nesse processo, as manifestações são apresentadas como práticas que permanecem em circulação e estabelecem relações com o presente.

“Na cultura popular, tradição e inovação caminham juntas: há criação na continuidade e futuro naquilo que é ancestral”, conclui Danielle Freitas.